

LEOPOLDO LUGONES "YZUR",  
EM AS FORÇAS ESTRANHAS,  
TRAD. ANDRÉ OLIVEIRA LIMA. SP:  
Globo, 2009.

## YZUR

COMPRI O MACACO NO LEILÃO de um circo que havia falido.

A primeira vez que me ocorreu tentar a experiência a cujo relato são dedicadas estas linhas foi numa tarde, lendo nem sei onde que os naturais de Java atribuíam a falta de linguagem articulada nos macacos à abstenção, não à incapacidade. "Não falam", diziam, "para que não os façam trabalhar."

Semelhante ideia, nada profunda ao princípio, acabou por me preocupar até se converter neste postulado antropológico: os macacos foram homens que, por uma ou outra razão, deixaram de falar. O fato produziu a atrofia dos seus órgãos de fonação e dos centros cerebrais da linguagem; debilitou, quase até suprimi-la, a relação entre uns e outros, fixando o idioma da espécie em um grito inarticulado, e o humano primitivo desceu a ser animal.\*

Está claro que, se esta teoria chegasse a ser demonstrada, ficariam explicadas sem dúvida todas as anomalias que fazem

\* Teoria da regressão das espécies, segundo a qual o macaco descende do homem degradado. (N. T.)

do macaco um ser tão singular; mas isto não teria senão uma demonstração possível: voltar o macaco à linguagem.

Enquanto isso, havia corrido o mundo com o meu, vinculando-o cada vez mais por meio de peripécias e aventuras. Na Europa, chamou a atenção e, querendo, eu chegaria a lhe dar a celebridade de um Cônsul;\* mas minha seriedade de homem de negócios mal se avinha com tais palhaçadas.

Persuadido da minha ideia fixa da linguagem dos macacos, esgotei toda a bibliografia concernente ao problema, sem nenhum resultado apreciável. Sabia unicamente, com inteira certeza, *que não há nenhuma razão científica para que o macaco não fale*. Eram cinco anos de meditações.

Yzur (nome cuja origem nunca pude descobrir, pois ignorava igualmente seu dono anterior), Yzur era por certo um animal notável. A educação do circo, se bem que reduzida quase inteiramente à imitação, havia desenvolvido muito suas faculdades; e isto era o que me incitava mais a experimentar minha, em aparência, disparatada teoria.

Por outro lado, sabe-se que o chimpanzé (Yzur o era) é entre os macacos o mais bem provido de cérebro e um dos mais dóceis, o que aumentava minhas probabilidades. Cada vez que o via avançar em dois pés, com as mãos nas costas para conservar o equilíbrio, e seu aspecto de marinheiro bêbado, a convicção da sua humanidade detida se revigorava em mim.

Não há, na verdade, razão alguma para que o macaco não articule em absoluto. Sua linguagem natural, isto é, o conjunto de gritos por meio dos quais se comunica com seus semelhantes, é assaz variado; sua laringe, por mais diferente que seja da humana,

\* Famoso macaco amestrado do início do século xx. (N. T.)

nunca o é tanto como a do papagaio, que fala, contudo; quanto ao seu cérebro, além de que a comparação com o deste último animal desvanece toda dúvida, basta recordar que o do idiota é também rudimentar e, apesar disso, há cretinos que pronunciam algumas palavras. No que diz respeito à área de Broca, depende, é claro, do desenvolvimento total do cérebro; além de que não está provado que ela seja *fatalmente* o lugar de localização da linguagem. Se for o caso de localização mais bem estabelecida anatomicamente, os fatos contraditórios são sem dúvida incontestáveis.

Felizmente os macacos têm, entre as suas muitas más condições, o gosto por aprender, como o demonstra sua tendência imitativa; a boa memória, a reflexão que chega até uma profunda faculdade de dissimulação e a atenção comparativamente mais desenvolvida que na criança. É, portanto, um sujeito pedagógico dos mais favoráveis.

O meu era jovem ademais, e é sabido que a juventude constitui a época mais intelectual do macaco, nisto parecido ao negro. A dificuldade residia somente no método que empregaria para comunicar-lhe a palavra.

Conhecia todas as infrutíferas tentativas dos meus antecessores; e não é necessário dizer que, ante a competência de alguns deles e a nulidade de todos seus esforços, meus propósitos falharam mais de uma vez; quando o tanto pensar sobre aquele tema foi me levando a esta conclusão:

*O primeiro passo consiste em desenvolver o aparelho fonador do macaco.*

É assim, efetivamente, como se procede com os surdos-mudos antes de levá-los à articulação; e nem bem havia refletido sobre isto quando as analogias entre o surdo-mudo e o macaco se aglomeraram no meu espírito.

Primeiro de tudo, sua extraordinária mobilidade mímica que compensa a falta de linguagem articulada, demonstrando que, embora se deixe de falar, não se deixa de pensar, mesmo que haja diminuição desta faculdade pela paralisação daquela. Depois, outras características mais peculiares por serem mais específicas: a diligência no trabalho, a fidelidade, a coragem, aumentadas até a certeza por estas duas condições cuja comunhão é verdadeiramente reveladora: a facilidade para os exercícios de equilíbrio e a resistência ao enjoo.

Decidi, então, começar minha obra com uma verdadeira ginástica dos lábios e da língua do meu macaco, tratando-o nisto como um surdo-mudo. No restante, o ouvido me favorecia para estabelecer comunicação direta de palavras, sem necessidade de apelar para o tato. O leitor verá que nesta parte eu prejulgava a tarefa com otimismo demais.

Felizmente, o chimpanzé é, de todos os grandes macacos, o que tem lábios mais móveis; e, no caso particular, havendo Yzur padecido de amigdalite, sabia abrir a boca para que a examinassem.

A primeira impressão confirmou em parte minhas suspeitas. A língua permanecia no fundo da sua boca como uma massa inerte, sem outros movimentos que os da deglutição. A ginástica produziu em seguida seu efeito, porque, dois meses depois, já sabia mostrar a língua para caçoar. Esta foi a primeira relação que conheceu entre o movimento da sua língua e uma ideia; uma relação perfeitamente de acordo com sua natureza, por outro lado.

Os lábios deram mais trabalho, pois até foi preciso esticá-los com pinças; mas ele estimava — talvez devido à minha expressão — a importância daquela tarefa anômala e a acometia

com vivacidade. Enquanto eu praticava os movimentos labiais que devia imitar, permanecia sentado, coçando as costas com o braço voltado para trás e piscando em uma concentração dubitativa ou alisando as costeletas com todo o ar de um homem que harmoniza suas ideias por meio de gestos rítmicos. Por fim, aprendeu a mover os lábios.

Mas o exercício da linguagem é uma arte difícil, como o provam os longos balbucios da criança, que a levam, paralelamente ao seu desenvolvimento intelectual, à aquisição do hábito. Está demonstrado, com efeito, que o próprio centro das inervações vocais se acha associado com o da palavra de tal forma que o desenvolvimento normal de ambos depende do seu exercício harmônico; e isto já havia sido pressentido em 1785 por Heinicke, o inventor do método oral para o ensino dos surdos-mudos, como uma consequência filosófica. Ele falava de uma “concatenação dinâmica das ideias”, frase cuja profunda perspicácia honraria mais de um psicólogo contemporâneo.

Yzur se encontrava, com respeito à linguagem, na mesma situação da criança que, antes de falar, entende já muitas palavras; mas era muito mais apto para associar os juízos que devia possuir sobre as coisas, pela sua maior experiência da vida.

Estes juízos, que não deviam ser só de impressão, mas também inquisitivos e analíticos, a julgar pelo caráter diferencial que assumiam, o que supõe um raciocínio abstrato, davam-lhe um grau superior de inteligência muito favorável por certo ao meu propósito.

Se as minhas teorias parecem audazes demais, basta considerar que o silogismo, ou seja, o argumento lógico fundamental, não é estranho à mente de muitos animais. Como se o silogismo

fosse originalmente uma comparação entre duas sensações. Do contrário, por que os animais que conhecem o homem fogem dele, e não o fazem aqueles que nunca o conheceram?...

Comecei, então, a educação fonética de Yzur.

Tratava-se de lhe ensinar primeiro a palavra mecânica, para levá-lo progressivamente à palavra sensata.

Possuindo o macaco a voz, quer dizer, tendo isto de vantagem em relação ao surdo-mudo, com mais certas articulações rudimentares, tratava-se de lhe ensinar as modificações daquela, que constituem os fonemas e sua articulação, chamada pelos mestres estática ou dinâmica, segundo se refira às vogais ou às consoantes.

Dada a voracidade do macaco, e seguindo nisto um método empregado por Heinicke com os surdos-mudos, decidi associar cada vogal com uma gulodice: *a* com batata; *e* com creme; *i* com vinho; *o* com coco; *u* com açúcar, fazendo de modo que a vogal estivesse contida no nome da gulodice, ora em domínio único e repetido como em *batata*, *coco*, *creme*, ora reunindo os dois acentos, tônico e prosódico, isto é, como som fundamental: *vinho*, *açúcar*.

Tudo andou bem, enquanto se tratou das vogais, ou seja, os sons que se formam com a boca aberta. Yzur os aprendeu em quinze dias. O *u* foi o que mais lhe custou pronunciar.

As consoantes me deram um trabalho infernal; e pouco depois tive de compreender que nunca chegaria a pronunciar aquelas em cuja formação entram os dentes e as gengivas. Seus longos caninos o impediam inteiramente.

O vocabulário ficava reduzido, então, às cinco vogais; o *b*, o *k*, o *m*, o *g*, o *f* e o *c*, isto é, todas aquelas consoantes em cuja formação não intervêm senão o palato e a língua.

Mesmo para isto não me bastou o ouvido. Tive de recorrer ao tato como com um surdo-mudo, apoiando sua mão no meu peito e depois no seu para que sentisse as vibrações do som.

E se passaram três anos, sem conseguir que formasse palavra alguma. Tendia a dar às coisas, como nome próprio, o da letra cujo som predominava nelas. Isto era tudo.

No circo, havia aprendido a latir, como os cães, seus companheiros de tarefas; e, quando me via desesperar ante as vãs tentativas para lhe arrancar a palavra, latia fortemente como me dando tudo o que sabia. Pronunciava isoladamente as vogais e consoantes, mas não podia associá-las. No máximo, acertava com uma repetição vertiginosa de *pês* e de *emes*.

Por devagar que fosse, havia se operado uma grande mudança no seu caráter. Tinha menos mobilidade nas feições, o olhar mais profundo e adotava posturas meditativas. Havia adquirido, por exemplo, o costume de contemplar as estrelas. Sua sensibilidade se desenvolvia igualmente; ia se notando nele uma grande facilidade de lágrimas.

As lições continuavam com inquebrantável afinco, ainda que sem maior sucesso. Aquilo havia chegado a se converter em uma obsessão dolorosa e, pouco a pouco, sentia-me inclinado a empregar a força. Meu caráter ia se azedando com o fracasso, até assumir uma surda animosidade contra Yzur. Este se intelectualizava mais, no fundo do seu mutismo rebelde, e começava a me convencer de que nunca o tiraria dali, quando eu soube de repente que não falava porque não queria.

O cozinheiro, horrorizado, veio me dizer uma noite que havia surpreendido o macaco “falando verdadeiras palavras”. Estava, segundo sua narração, encolhido junto a uma figueira do pomar; mas o terror lhe impedia recordar o essencial disto, ou

seja, as palavras. Só julgava reter duas: *cama* e *pipa*. Quase o acerto com pontapés por sua imbecilidade.

Não preciso dizer que passei a noite possuído de uma grande emoção, e o que em três anos não havia cometido, o erro que pôs tudo a perder, proveio do enervamento daquela revelação, tanto quanto da minha excessiva curiosidade.

Em vez de deixar que o macaco chegasse naturalmente à manifestação da linguagem, chamei-o no dia seguinte e procurei impô-la por obediência.

Não consegui senão os *pês* e os *emes* com que me deixava farto, as piscadas hipócritas e — Deus me perdoe — um certo vislumbre de ironia na azougada ubiquidade das suas caretas.

Eu me encolerizei e, sem consideração alguma, surrei-o com um chicote. A única coisa que consegui foi seu choro e um silêncio absoluto que excluía até os gemidos.

Três dias depois, caiu doente, em uma espécie de sombria demência complicada com sintomas de meningite. Sanguessugas, afusões frias, purgantes, revulsivos cutâneos, alcoolatura de briônia, brometo: toda a terapêutica do espantoso mal lhe foi aplicada. Lutei com desesperado brio, movido por um remorso e por um temor. Aquele por julgar a besta uma vítima da minha crueldade; este pela natureza do segredo que talvez levasse consigo para a tumba.

Melhorou ao cabo de muito tempo, ficando, não obstante, tão fraco, que não podia se mover da cama. A proximidade da morte o havia enobrecido e humanizado. Seus olhos, cheios de gratidão, não se desgrudavam de mim, seguindo-me por todo o aposento como duas bolas giratórias, mesmo que estivesse detrás dele; sua mão buscava as minhas em uma intimidade de convalescença. Na minha grande solidão, ele ia adquirindo rapidamente a importância de uma pessoa.

O demônio da análise, que não é senão uma forma do espírito de perversidade, impelia-me, entretanto, a renovar minhas experiências. Na realidade, o macaco havia falado. Aquilo não podia ficar assim.

Comecei muito devagar, pedindo-lhe as letras que sabia pronunciar. Nada! Deixei-o sozinho durante horas, espiando-o por um buraquinho da divisória. Nada! Falei-lhe com orações breves, procurando tocar sua fidelidade ou sua gula. Nada! Quando aquelas eram patéticas, seus olhos se enchiam de choro. Quando lhe dizia uma frase habitual, como o “eu sou seu amo” com que começava todas minhas lições, ou o “você é meu macaco” com que completava minha afirmação anterior, para levar ao seu espírito a certeza de uma verdade total, ele assentia fechando as pálpebras; mas não produzia um som, nem sequer chegava a mover os lábios.

Havia voltado à gesticulação como único meio de se comunicar comigo; e este detalhe, unido às suas analogias com os surdos-mudos, redobrava minhas precauções, pois ninguém ignora a grande predisposição destes últimos para as doenças mentais. Às vezes, desejava que ficasse louco; queria ver se o delírio quebrava por fim seu silêncio.

Sua convalescença seguia estacionária. O mesmo abatimento, a mesma tristeza. Era evidente que estava doente de inteligência e de dor. Sua unidade orgânica havia se rompido movida por uma cerebração anormal e, mais dia, menos dia, aquilo seria caso perdido.

Mas, apesar da mansidão que o progresso da doença aumentava nele, seu silêncio, aquele desesperante silêncio provocado pela minha exasperação, não cedia. De um escuro fundo de tradição petrificada em instinto, a raça impunha seu milenar mu-

tismo ao animal, fortalecendo-se de vontade atávica nas raízes do seu ser. Os antigos homens da selva, que forçou o silêncio, isto é, o suicídio intelectual, quem sabe que bárbara injustiça?, mantinham seu segredo formado por mistérios de floresta e abismos de pré-história, naquela decisão já inconsciente, mas formidável com a imensidão do seu tempo.

Infortúnios do antropoide atrasado na evolução, cuja dianteira tomava o humano com um despotismo de sombria barbárie, haviam, sem dúvida, destronado as grandes famílias quadrúmanas do domínio arbóreo dos seus primitivos edens, raleando seu grupo, cativando suas fêmeas para organizar a escravidão desde o próprio ventre materno, até infundir na sua impotência de vencidas o ato de dignidade mortal que as levava a romper com o inimigo o vínculo superior também, mas infausto, da palavra, refugiando-se como salvação suprema na noite da animalidade.

E que horrores, que estupendas sevícias não haveriam cometido os vencedores com a semibesta em evolução para que esta, depois de haver provado o encanto intelectual que é o fruto paradisíaco das bíblias, se resignasse àquela claudicação da sua estirpe na degradante igualdade dos inferiores; àquele retrocesso que cristalizava para sempre sua inteligência nos gestos de um automatismo de acrobata; àquela grande covardia ante a vida que encurvaria eternamente, como uma marca de bestialidade, suas costas de dominado, imprimindo-lhe esse melancólico desconcerto que permanece no fundo da sua caricatura.

Eis aqui o que, na iminência do sucesso, havia despertado meu mau humor no fundo do limbo atávico. Através do milhão de anos, a palavra, com seu conjuro, revolvía a antiga alma simiana; mas, contra essa tentação que ia violar as trevas da animalidade protetora, a memória ancestral, difundida na espécie sob

um instinto de horror, opunha também idade sobre idade como uma muralha.

Yzur começou a agonizar sem perder a consciência. Um doce agonizar com olhos fechados, respiração fraca, pulso lento, quietude absoluta, que ele só interrompia para, de quando em quando, virar na minha direção, com uma pungente expressão de eternidade, sua cara de velho mulato triste. E, na última tarde, na tarde da sua morte, foi quando ocorreu a coisa extraordinária que me determinou a empreender esta narração.

Eu havia cochilado à cabeceira da sua cama, vencido pelo calor e a quietude do crepúsculo que começava, quando senti de repente que me seguravam pelo pulso.

Acordei sobressaltado. O macaco, com os olhos muito abertos, morria definitivamente aquela vez, e sua expressão era tão humana que me infundiu horror; mas sua mão, seus olhos, me atraíam com tanta eloquência para ele que tive de me inclinar perto do seu rosto; e então, com seu último suspiro, o último suspiro que coroava e desvanecia ao mesmo tempo minha esperança, brotaram — tenho certeza —, brotaram em um murmúrio (como explicar o tom de uma voz que permaneceu sem falar dez mil séculos?) estas palavras cuja humanidade reconciliava as espécies:

— AMO, ÁGUA. AMO, MEU AMO...